

Quando Educar é Libertar. Uma Reflexão Crítica em Torno do Pensamento Pedagógico de Paulo Freire

Joaquim Melro¹

Resumo

Neste texto, propomo-nos analisar reflexivamente o pensamento pedagógico de Paulo Freire, um dos pensadores mais marcantes da pedagogia contemporânea, para quem a Educação, a Escola e o Ensino têm como tarefa principal a reposição da dignidade do aluno e com ela a de toda a humanidade. Para tal, centraremos a nossa análise em diversas obras produzidas pelo autor onde a sua principal preocupação é reiterar a necessidade de se pôr cobro às práticas desumanizantes baseadas numa concepção conservadora da educação que em vez de, como considera Paulo Freire, afirmar o aluno como um ser autónomo e criador, “humilha-o” colocando-o numa posição de inferioridade e de dependência. Numa escola que em vez de satisfazer as necessidades educativas de todos, e afirmar-se como escola inclusiva, insiste em segregar e excluir porque incapaz de cumprir um dos seus principais deveres: A todos educar! A todos Formar!

Tais exigências obrigam a que toda a prática pedagógica seja repensada e que se olhe a escola como um espaço privilegiado de democratização porque de inclusão; que se olhe os professores como participantes do mesmo processo da construção da aprendizagem dos alunos: Formar para um mundo melhor. Por isso, e porque “formar é muito mais do que puramente treinar”, será nosso intuito discutir com esta nossa comunicação: (a) Que desafios se colocam aos professores para quem educar deve ser essencialmente humanizar? (b) Que princípios devem subjazer à formação de alunos e de professores? (c) Como fomentar uma formação que assente na autonomia de quem forma e de quem é formado? (d) Que saberes serão necessários a toda a prática educativa que se quer assente numa “pedagogia da autonomia”? (e) Que fazer para que a educação seja, de facto, uma educação inclusiva, isto é, de todos e para todos? (f) Que concepções e que práticas pedagógicas devem subjazer à Educação, à Escola e ao Ensino quando (se acredita que) *Educar é Libertar*?

“... ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar.” (Freire, 1982, p.101).

É a grandeza do ser humano, que há-de ser também o seu futuro, que o pensamento pedagógico de Paulo Freire visa, mais do que tudo, (re) descobrir e (re) afirmar, afirmando-se por isso (n)uma antropologia . Uma pedagogia que faz emergir, do longo e pesado sono em que todos, por teimosia ou cobardia (?), nos

¹ Escola Secundária Artística António Arroio – Lisboa. Contacto: joaquimmelro@sapo.pt

encontramos, o reencontro do homem com o humano do qual resulta a imperiosa necessidade de os "homens se reconhecerem como homens, na sua vocação ontológica de *ser mais*" (Freire, 1987, p. 52). Uma pedagogia que faz que o ser humano, tantas vezes esquecido de si, permaneça no que é e, simultaneamente, prevaleça sobre o que é: HUMANO. Uma pedagogia, porque *do oprimido*, exige que se exerça na *esperança* e se afirme na *autonomia*, raiz fundadora dessa *praxis* (a Educação) que há-de, finalmente, levar a humanidade a (pros) seguir os trilhos dos *caminhos da liberdade*: "A educação deve estimular a opção (...) deve ser desinibidora e não restritiva " (Freire, 1999, p. 28) e nunca "domesticadora do homem que, em lugar de libertà-lo, o prende".

Ecce Homo! Eis o grito que perpassa toda a pedagogia freireana que mais não visa do que

“(...) repor o ser humano que actua, que odeia, que cria e recria, que sabe, que ignora, que se afirma e que se nega, que constrói e destrói, que tanto o que herda quanto o que adquire, no centro das nossas preocupações” (p.15).

É esta fidelidade ao homem e ao humano que marcará para sempre a pedagogia de freireana. E esta opção pelo humano não é, em Paulo Freire, um mero acaso nem tão-pouco um simples e descabido capricho. Ela nasce do compromisso do homem e do pensador, com as grandes causas sociais, políticas e culturais (Freire, 1981) que marcaram e continuam a marcar os seus e os nossos tempos: A desigualdade de direitos e com ela a exclusão pessoal e social de muitos seres humanos. As suas opções, porque políticas (no sentido grego do termo *politiké*), são pedagógico-antropológicas, isto é, revestidas de um humanismo que põe em evidência toda a amplitude humana fundante da Educação:

“A educação (...) deve estabelecer numa relação dialéctica com o contexto da sociedade à qual se destina (...) que por sua vez, dá garantias especiais ao homem através de seu enraizamento nele. *Superposta* a ele, fica ‘alienada’ e, por isso, inoperante” (Freire, 1999, p. 62) .

O dever da Educação é, em Paulo Freire, “conscientizar”, quer dizer, uma tomada de consciência objectiva e crítica da realidade vivida a fim de poder ser transformada até porque “ninguém luta contra as forças que não compreende, cuja importância não mede, cujas formas e contornos não discerne” (Freire, 1980, p. 40). E a realidade que aqui exige ser transformada é a realidade existencial humana imbuída

“de uma fé intensa no homem, fé no seu poder de fazer e refazer, de criar e recriar, fé na sua vocação em ser mais plenamente humano, a qual não é privilégio de uma elite, mas direito inato que têm todos os homens” (Freire, 1977a, p. 99).

Educar é, então, um acto comprometido porque de “amor pelo mundo e pelos homens”. E “não há educação sem amor. O amor implica a luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar” (Freire, 1999, p. 29). Só o amor pode vencer o medo e instaurar a esperança até porque “nada se pode temer da educação quando se ama” assim como não seria possível educar (“buscar”) sem esperança.: Uma educação sem esperança não é educação. Quem não tem esperança na educação (...) deverá procurar trabalho noutra lugar” (Freire, 1999, p. 30).

Só porque para Paulo Freire educar é essencialmente *libertar*, é que se pode entender o porquê do olhar deste pensador se dirigir essencial e insistentemente “aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles lutam” (Freire, 1987, p.23). Por isso, diz-nos Freire (1977) : “O meu ponto de vista é o dos condenados da terra’, ‘o dos excluídos”.

Educar é, neste sentido, estar comprometido com o destino do mundo, lutar contra as injustiças económicas, sociais Educar é também lutar contra todo e qualquer tipo de autoritarismo seja ele político, cultural, ideológico ou religioso. É, essencialmente, lutar contra toda e qualquer forma de domínio e assumir cada ser humano como sujeito da liberdade e, por isso, dar à história uma direcção própria e consciente; Educar é abrir horizontes, amar o outro, deixa-lo crescer.

Assumir a educação como acto libertador é reconhecer que o que está em causa no processo educativo é a vocação ontológica do ser humano – o *ser mais* – e, por isso, a educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação

“não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres ‘vazios’ a quem o mundo ‘encha’ de conteúdos; não pode basear-se numa consciência espacializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como ‘corpos conscientes’ e na consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo” (Freire, 1987, p. 67).

A Educação deve reivindicar, legitimar e outorgar a todo e qualquer ser humano o direito à educabilidade porque dela depende o direito de ter voz própria, á singularidade, ou seja, o direito de dizer a sua palavra, de nomear o mundo por si mesmo (Freire, 1980, 1987, 1992), isto é, construir “uma leitura do mundo” que possibilite “a decifração cada vez mais crítica da ou das situações em que a humanidade se encontra” (Freire, 1980, 1984).

Urge instaurar um novo paradigma educativo a favor da “opção pela vida” e se vivencie no acto de educar a *tensão entre o medo e a ousadia* (Freire, 1987, 1991, 1997, 1999; Freire e Shor, 1987).

“É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em amor sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de a-científico, senão de anticientífico. É preciso ousar para dizer cientificamente que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso [ser no seu todo]” (Freire 1993, p.10).

É chegado, pois, o tempo de a Educação investir numa educação inclusiva de modo a que nenhuma criança, jovem ou adulto vejam ser posto em causa um dos seus direitos fundamentais: O direito à educação sendo que este é uma das chaves para a construção de uma sociedade mais justa, mais fraterna, mais democrática, em suma, mais humana (Freire, 1974, 1977, 1999; 1999a). Porém, este

“querer tem como objecto projectos, pois a vontade transforma o desejo numa intenção, que decide o que vai ser, (...) o querer nos leva para o futuro com todas as suas incertezas, geradoras das expectativas do medo e esperança. (...), portanto, a vontade é uma faculdade voltada para o futuro (...)” (Lafer, 1979, p.102).

O futuro exige, com Freire, a construção de um conhecimento transformador da realidade, operando mudanças de forma efectiva tendo por base as diferenças e a singularidade de cada ser humano (Freire, 1982):

Só nos restam dois caminhos a seguir: ou saímos da rotina como ele nos sugere e buscamos inovar a escola e com ela a prática pedagógica diante da inclusão, ou ficamos eternamente a discutir que a mesma não é viável, pondo responsabilidade no sistema de ensino, nos ombros do governo, na família e em outros sectores da sociedade. *Que o inferno não sejam nunca os outros ...* Há a que ser responsável individual e colectivamente, e passar do discurso à acção, da teoria à prática, da utopia à realidade em toda sua plenitude (Freire, 1982).

Melro e César (2002) e Melro (1999, 2003), consideram que para que a escola seja, como muito bem viu Paulo Freire, de todos e para todos, não basta ficarmos pelos ideais até porque eles já estão claramente definidos e defendidos há mais de uma década. Interessa, isso sim, procurar soluções eficientes para que o direito à educabilidade de todas as crianças e jovens seja de facto concretizado, e com ele se garanta uma sociedade mais justa, mais fraterna, mais solidária ou, numa só palavra, democrática (Ainscow, 1998, Correia, 2000, Freire e Betto, 1985; Freire e Guimarães, 1984; Rodrigues, 2000; 2001) .

É necessário mais do que nunca instituir verdadeiramente em cada escola numa Educação onde não só sejam reconhecidas, mas sobretudo, satisfeitas as necessidades de todos os seus alunos e, por conseguinte, construir “uma política educacional (...) com ‘outra cara’, mais alegre, fraterna e democrática” (Freire, 1991, p. 144).

Uma educação inclusiva – leia-se de libertadora – decorre do processo de adequação da escola às necessidades educativas dos alunos para que possam estudar, aprender, crescer e exercer plenamente a sua cidadania (Freire, 1974, 1982, 1997). Para tanto as escolas precisam de combater atitudes preconceituosas

em relação à diferença; adequar os seus currículos à diversidade dos seus alunos; preparar os alunos e as famílias para a aceitação dessa diversidade; formar continuamente todos os profissionais que actuam na comunidade educativa (Freire, 1999, 1999a, Hegarty, 2001; Melro, 1999, 2003; Melro e César, 2002) .

É assim que Paulo Freire surge como um dos grandes impulsionadores da escola inclusiva, quando sugere que “mudar a cara da escola”, significa transformá-la, simultaneamente, num espaço de criatividade e de alegria, isto é, torná-la

“Uma escola democrática em que se pratique uma pedagogia da pergunta, em que se ensine e se aprenda com seriedade, mas que a seriedade jamais vire sisudez. Uma escola em que, ao se ensinarem necessariamente os conteúdos, se ensine também a pensar certo” (p. 24).

Referências Bibliográficas

- Ainscow, M. (1998). Necessidades educativas especiais na sala de aula – um guia para a formação de professores. In Cadima, A. et al. (ed.). *Diferenciação pedagógica no ensino básico*. Lisboa: IEE.
- Correia, L. M. (2001). Educação inclusiva ou educação apropriada? In D. Rodrigues (Org.). *Educação e diferença – Valores e práticas para uma educação inclusiva* (pp. 123-142). Lisboa: Porto Editora.
- Freire, P. & Betto, F. (1985). *Essa escola chamada vida – Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho*. São Paulo: Ática.
- Freire, P. & Guimarães (1984). *Sobre educação* (diálogos). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. & Shor, I. (1987). *Medo e ousadia O cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1974). *Uma educação para a liberdade*. Porto: Textos Marginais.
- Freire, P. (1977). *Educação política e conscientização*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- Freire, P. (1977a). *A mensagem de Paulo Freire. Teoria e prática da libertação*. Textos de Paulo Freire seleccionados pelo I.N.ºD.E.P. Porto: Editora Nova Crítica.
- Freire, P. (1980). *Conscientização; Teoria e prática da libertação*. São Paulo: Moraes.
- Freire, P. (1982). *Educação: o sonho possível*. Rio de Janeiro: Graal.

- Freire, P. (1984). Ideologia e educação. Reflexões sobre a não neutralidade da educação. In M. A. Gadotti, *Educação contra a educação* (pp. 15-19). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (1991). *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez.
- Freire, P. (1992). *Pedagogia da esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1993). *Política e educação*. São Paulo: Cortez.
- Freire, P. (1997). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (1999). *Educação e mudança*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (1999a). *Pedagogia da esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Hegarty, S. (2001). O apoio centrado na escola: Novas oportunidades e novos desafios. In D. Rodrigues (Org.). *Educação e diferença – Valores e práticas para uma educação inclusiva* (pp. 77-91). Lisboa: Porto Editora.
- Lafer, C. (1979). *Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Melro J. & César, M. (2002). Escola para todos: Que caminhos? Que trajectos?. In M. Fernandes et al. (Eds.), *O particular e o global no virar do milénio: Cruzar saberes em educação. Actas do 5º Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação* (pp. 175-187). Porto: Edições Colibri & SPCE.
- Melro, J. (1999). *Escola inclusiva: uma análise reflexiva feita em torno de um projecto de inclusão de alunos com necessidades educativas especiais no ensino regular*. [Documento policopiado] Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Melro, J. (2003). *Escola inclusiva: Uma história de amor (nem sempre) bem contada – Dissertação apresentada para a obtenção de grau de Mestre em Educação*[Documento policopiado]. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa..
- Rodrigues, D. (2000). O paradigma da Educação inclusiva - reflexões sobre uma agenda possível. *Inclusão*, 1, 7-13.
- Rodrigues, D. (2001). A educação e a diferença. In D. Rodrigues (Org.). *Educação e diferença – Valores e práticas para uma educação inclusiva* (pp. 13-35). Lisboa: Porto Editora.